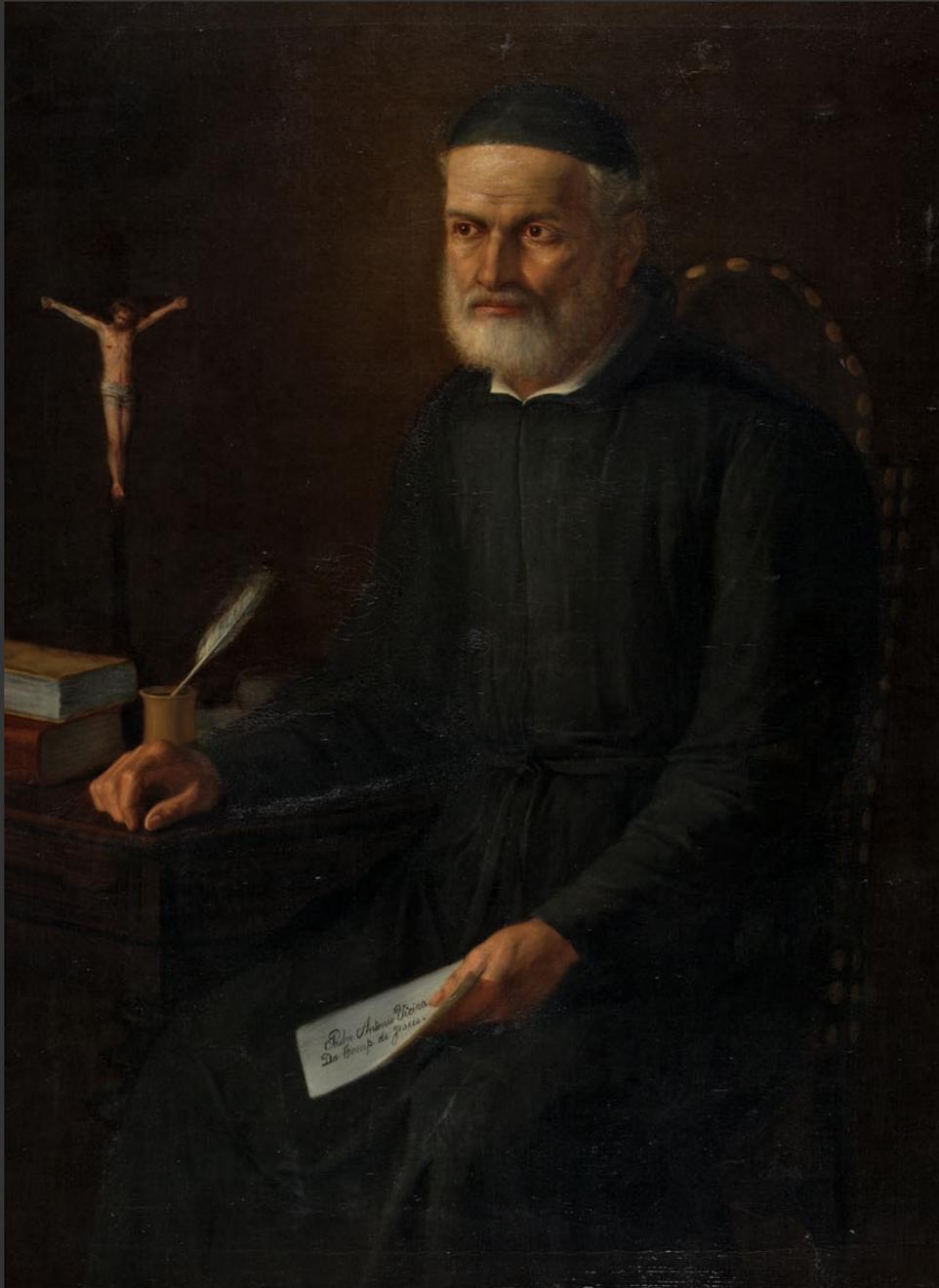


LUX



HISTORICAL
CONSULTING



*“pelo amor que têm
a Portugal”*

“Por todos os reinos e províncias da Europa está espalhado grande número de mercadores portugueses [cristãos-novos e judeus], homens de grandíssimos cabedais, que trazem em suas mãos a maior parte do comércio e riquezas do Mundo. Todos estes, pelo amor que têm a Portugal, como pátria sua, e a Vossa Majestade, como seu rei natural, estão desejosos de poder tornar para o Reino”

Padre António Vieira,
«Proposta Feita a El-Rei D. João IV»
(1643)

Habitando o território ibérico muito antes da fundação do reino de Portugal, os judeus, durante a Idade Média, residiam em bairros próprios (judiarias), alguns dotados de fornos, lagares, hospitais, gafarias, cadeias, cemitérios, estalagens, banhos, sinagogas, escolas e academias de estudos.

Exteriormente sujeitos às leis gerais do reino e internamente regidos pelas disposições da *Torah* e do *Talmud*, formavam um corpo religioso, social, judicial e tributário autónomo.

Estavam obrigados a envergar na roupa, um pouco acima da boca do estômago, uma estrela de seis pontas encarnada, para se distinguirem da restante população.



Tabla tabularum ad ingressum eaz post radicem inferiens

anni	sol	luna	fatu	jupit	mes	ven	mezc	anni	sol	luna	fatu	jupit	mes	ven	mezc
1473	1	1	1	1	1	1	1	1507	3	4	35	35	35	3	35
1474	2	2	2	2	2	2	2	1508	4	5	36	36	36	4	36
1475	3	3	3	3	3	3	3	1509	1	6	37	37	37	5	37
1476	4	4	4	4	4	4	4	1510	2	7	38	38	38	6	38
1477	1	5	5	5	5	5	5	1511	3	8	39	39	39	7	39
1478	2	6	6	6	6	6	6	1512	4	9	40	40	40	8	40
1479	3	7	7	7	7	7	7	1513	1	10	41	41	41	1	41
1480	4	8	8	8	8	8	8	1514	2	11	42	42	42	2	42
1481	1	9	9	9	9	1	9	1515	3	12	43	43	43	3	43
1482	2	10	10	10	10	2	10	1516	4	13	44	44	44	4	44
1483	3	11	11	11	11	3	11	1517	1	14	45	45	45	5	45
1484	4	12	12	12	12	4	12	1518	2	15	46	46	46	6	46
1485	1	13	13	13	13	5	13	1519	3	16	47	47	47	7	47
1486	2	14	14	14	14	6	14	1520	4	17	48	48	48	8	48
1487	3	15	15	15	15	7	15	1521	1	18	49	49	49	1	49
1488	4	16	16	16	16	8	16	1522	2	19	50	50	50	2	50
1489	1	17	17	17	17	1	17	1523	3	20	51	51	51	3	51
1490	2	18	18	18	18	2	18	1524	4	21	52	52	52	4	52
1491	3	19	19	19	19	3	19	1525	1	22	53	53	53	5	53
1492	4	20	20	20	20	4	20	1526	2	23	54	54	54	6	54
1493	1	21	21	21	21	5	21	1527	3	24	55	55	55	7	55
1494	2	22	22	22	22	6	22	1528	4	25	56	56	56	8	56
1495	3	23	23	23	23	7	23	1529	1	26	57	57	57	1	57
1496	4	24	24	24	24	8	24	1530	2	27	58	58	58	2	58
1497	1	25	25	25	25	1	25	1531	3	28	59	59	59	3	59
1498	2	26	26	26	26	2	26	1532	4	29	60	60	60	4	60
1499	3	27	27	27	27	3	27	1533	1	30	61	61	61	5	61
1500	4	28	28	28	28	4	28	1534	2	31	62	62	62	6	62
1501	1	29	29	29	29	5	29	1535	3	1	63	63	63	7	63
1502	2	30	30	30	30	6	30	1536	4	2	64	64	64	8	64
1503	3	31	31	31	31	7	31	1537	1	3	65	65	65	1	65
1504	4	1	32	32	32	8	32	1538	2	4	66	66	66	2	66
1505	1	2	33	33	33	1	33	1539	3	5	67	67	67	3	67
1506	2	3	34	34	34	2	34	1540	4	6	68	68	68	4	68

Possuindo em Lisboa uma elegante escola de copistas, dali saíram belíssimos códices iluminados. Foi igualmente de prelos judeus que saiu o primeiro livro impresso em Portugal, o *Pentateuco*, em 1487, da oficina de Samuel Gacon, em Faro.

Os judeus medievais destacaram-se no comércio, na medicina, na literatura, e não só. Também deram o seu contributo para a gesta dos Descobrimentos Portugueses. Bem conhecido é o quão essencial se tornou o *Almanach Perpetuum* de Abraham Zacuto para a navegação dos pilotos lusitanos.

Ao contrário do que sucedia com outros judeus na Europa, em Portugal, alguns conseguiram ascender à condição de cavaleiro, adquirir títulos de nobreza e tornar-se ilustres cortesãos. Foi o caso do célebre Isaac Abravanel, conselheiro do rei D. Afonso V e íntimo do Duque de Bragança.

Em 1492, é promulgado o Édito de Expulsão dos Judeus em Espanha, passando muitos destes a viver em Portugal, a troco de elevados impostos ou mesmo clandestinamente.

Portugal converte-se no único reino da Península Ibérica onde o Judaísmo era consentido. Mas só durante 4 anos. Em Dezembro de 1496, D. Manuel decreta o Édito de Expulsão de todos os judeus e mouros forros de Portugal.

D. Manuel ordenou então aos judeus que abandonassem o reino até Outubro de 1497, garantindo-lhes liberdade de transporte de bens. A verdade é que lhes dificultou a saída, limitando as naus para embarcar e as licenças para partir. E forçou-os à conversão. Primeiro, foram as crianças, obrigadas a receber a água baptismal. Depois os jovens e, finalmente, os adultos que, ou por não conseguirem embarcar ou para reaverem os filhos, se foram deixando cristianizar.



24 2
A filha de Caudano
A quem se chama Catarina
Em meu chamava e como me deo de minha
justa delade em gartho fizeo em chamava
em miu apia da miu e pende me au em miu
masão filhas de uovada et co am b ha
de du or miu ha en rap em lamia amais
Vai dades e us (qui mentitas) e o lair e
Sabes que a hebra e de a u
uira em eu chamava de e stume isle
ney enão piquei chizer em uos e la
sois sobre uos as zaidas (e lair) la
Cra filoi Co (au) fisio) de u (b) lades
en fuzanos A in discates quem me
mestrava em al lasão febre tuas
fases A D em meu corasão o legano
que su era es em me to sem espejalar
em pas a humo zatonoi idronioei que
eu A. toa Com bra etua (sua) me for
e for sua uenta de illi amo

Quase todos os Judeus que permaneceram em Portugal foram baptizados, passando a constituir o grupo dos cristãos-novos, também conhecidos como *nação hebra* ou *gente da nação*.

Inicialmente compelidos a contrair laços matrimoniais com cristãos-velhos, os cristãos-novos não se diluíram na sociedade, mantendo muitos deles as suas solidariedades anteriores, praticando a endogamia, vivendo nos seus antigos bairros e levando uma dupla vivência religiosa: uma exterior, como pios católicos, e outra interior, em que, na companhia de familiares e amigos mais íntimos, judaizavam secretamente.

Em 1536, estabelece-se a Inquisição em Portugal, propositadamente para punir a “heresia” do Judaísmo. Tribunal de nomeação régia e eclesiástica, instigava a denúncia e a confissão, detendo estilos muito peculiares, visto que confiscava os bens dos réus, condenando-os à miséria, ocultava os nomes dos acusadores e obrigava os presos a tentarem adivinhar quem os havia denunciado.

Para arrancar confissões, a Inquisição sujeitava os presos à tortura do potro e da polé. De sentença, sofriam penitências espirituais, a vergonha do hábito penitencial, os açoites públicos, o cárcere, o trabalho forçado nas galés, o degredo e, os menos afortunados, entregues à justiça secular, eram condenados à maior das penas, a morte nas chamas.





Para fugir à perseguição inquisitorial, ou em busca de novas oportunidades de negócio e da possibilidade de regresso ao Judaísmo, muitos cristãos-novos abandonam o reino rumo a “terras de tolerância”. Em cidades europeias como Veneza, Livorno, Hamburgo ou Londres, edificam comunidades sefarditas.

Em Amesterdão, emerge uma relevante comunidade judaico-portuguesa que, em 1675, inaugura uma das mais imponentes sinagogas europeias.

Nestas comunidades sefarditas, o Judaísmo rabínico conjuga-se com hábitos e costumes peninsulares, as línguas ibéricas são preservadas, tal como títulos nobiliárquicos previamente adquiridos.

Muitos cristãos-novos da Península Ibérica e judeus das comunidades judaico-portuguesas disseminaram-se pelos quatro cantos do mundo, estabelecendo verdadeiras redes comerciais e sociais consolidadas por laços de natureza familiar.

Entre os seus destinos, encontram-se:

- ◆ Império Otomano;
- ◆ Brasil;
- ◆ Peru;
- ◆ México;
- ◆ Suriname;
- ◆ Curaçau;
- ◆ América do Norte;
- ◆ Barbados;
- ◆ Jamaica;
- ◆ S. Domingos;
- ◆ Martinica;
- ◆ Santo Eustáquio;
- ◆ Senegal.





Já no séc. XIX, com o declínio da Inquisição e a sua extinção em 1821, os Judeus, de forma prudente, começaram a retornar ao reino português, sobretudo oriundos do Norte de África. Faro e Lisboa acolhem algumas famílias. É criada a Comunidade Israelita de Lisboa, a qual teve a sua sinagoga inaugurada em 1904 e foi reconhecida oficialmente em 1912.

Durante a II Guerra Mundial, Lisboa tornou-se num importante ponto de passagem para milhares de refugiados judeus. Destaque para o papel desempenhado pelo diplomata português Aristides de Sousa Mendes que, enquanto cônsul de Portugal em Bordéus, e em clara desobediência ao governo de Salazar, concedeu vistos a milhares desses refugiados, salvando-lhes assim a vida. Este gesto levou a que fosse postumamente homenageado em 1966, no Memorial Yad Vashem, em Jerusalém, com o título de «Justo entre as nações».



Se é descendente de Judeus Portugueses e deseja obter a nacionalidade portuguesa por naturalização, a Lux Historical Consulting, composta por uma equipa de especialistas em história da diáspora sefardita, poderá ajudá-lo a obter a prova pericial dentro dos parâmetros necessários para a concretização do processo.

Contacte-nos:

www.luxhistoricalconsulting.com.pt

luxhistconsulting@gmail.com